

# O Gaiato

Quinzenário \* 1 de Agosto de 1987 \* Ano XLIV — N.º 1132 — Preço 10\$00

PORTE  
PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## OUTRA BOA NOTÍCIA

Esta chega-nos de Coimbra e surge também a propósito de Pai Américo. Foi há meses, em Assembleia de Vicentinos debruçados sobre o programa esboçado para lhe celebrar o Centenário. Nele se incluía a construção de uma estátua. Porém, sem abandonar esta ideia, válida pelo papel interpelador que pode ter, apareceu a sugestão de um outro «monumento», prioritário e, com certeza, mais agradável ao homenageado: um Albrigo que respondesse à realidade chocante, já detectada pelos Vicentinos na Baixa de Coimbra, de que cerca de quarenta pessoas dormem na rua.

Este é um problema que toca todos os grandes meios urbanos, aonde aflui gente de muitos lados, que vem à procura de um rumo e fica — e não tem onde ficar.

Os antigos Albergues da Polícia de Segurança Pública

eram uma resposta transitória, mas acabaram sem se lhes procurar alternativa. Lembro-me de um momento da história recente — haverá uma vintena de anos... — em que se quis empolar a solução-Albrigo como se fora a panaceia universal. Deste extremo caiu-se no oposto sem se cuidar de suprir a sua falta.

Ignoro o que, neste campo, se passa em Lisboa. Em Coimbra, da notícia a que me reporto, julgo poder concluir que nada existe. No Porto, no Bairro da Sé, tão marginalizado ele próprio, há umas camaratas de iniciativa e exploração privada, cujas condições condizem com a degradação física e moral do lugar onde se situam. E há, sim, o Albrigo Nocturno promovido e sustentado por uma Associação com mais de cinquenta anos de existência, onde a higiene e a disciplina são pre-

senças humanizantes. A dormida, que custa cem escudos, dá direito a um jantar constante de sopa e prato e ao primeiro almoço. É evidente que se esta Associação não procurasse e conseguisse fundos da solidariedade do povo, não poderia oferecer este acolhimento aos sem eira nem beira que lhe batem à porta. É uma das muitas obras boas que o Porto sustenta e que merecia ser mais conhecida para poder ampliar a sua acção, senão na velha casa onde a exerce, em outro ou outros lugares da cidade.

Ora, é uma acção idêntica que se propõem os Vicentinos de Coimbra para responder à necessidade urgente daquelas quarenta pessoas já referidas, que não têm outra pousada a não ser a rua. Claro que um Albrigo assim não é um internato, não resolve todas as carências nem é solução definitiva para os que o procuram. Podemos chamar-lhe, mesmo, um Serviço de Urgência, de

Cont. na 3.ª pág.

Novo livro de Pai Américo

## DE COMO EU FUI...

### Crónicas de viagem

A obra em epígrafe é recebida de braços abertos pelos assinantes da nossa Editorial, até como memorial do Centenário de Pai Américo.

Crepita o Fogo do espírito na correspondência diária, da qual publicaremos alguns estratos na próxima edição.

Mais: Todos os dias chegam postais RSF (resposta sem franquia), especialmente de Amigos que, pela primeira vez, tomam o gosto pelos livros de Pai Américo. Por isso, citemos mais um texto do volume em expedição — para delícia dos novos Leitores d'O GALATO. E não são poucos!

«Praias e termas regorgitam. Nos casinos, joga-se a batota e fazem-se festas de caridade — alhos com bugalhos!

As onze e quê, no Forte, del o recado do costume, à estação da Missa. Não foi tanto quanto

a gente necessita, mas foi a dobrar dos mais anos.

De regresso da Figueira, no comboio, pagaram-me o jantar e aceitei também um cigarrito, só p'ra observar as fitas que o fumo faz, que eu cá não costume fumar. No percurso, como estivesse tudo à cunha, dei fé da minha importância: «Sente-se aqui. Olhe este lugar. Padre Américo, aqui». Pelo que muito me admira de não ter ainda ido para o rol dos grandes contemporâneos!

Tomei um ror de assinaturas d'O GALATO no dito comboio e chegámos ao Porto à tabela. Pernoitei na nossa sucursal. Não há memória de haver no mundo um pobre de pedir que tenha cama feita e mesa posta nas principais cidades. Sou eu.

Sol fora, pus-me a caminho de Vidago, via Marão. Já se

Cont. na 4.ª pág.

## AQUI, LISBOA!

«É muito mais fácil deixar crescer tendências do que cortá-las». (Pai Américo)

Recebemos há pouco carta amiga duma senhora, primeira responsável por uma instituição de jovens, em que se reconhecia ser cada vez mais difícil educar. Estamos perfeitamente de acordo.

Infelizmente, para lá das solicitações do tempo, vão faltando as pessoas capazes de lutar, e de lutar sempre e até ao fim, pela causa da educação da Juventude. O deixar correr instalou-se na conduta de pais e de educadores, numa desoladora manifestação de demissão, trágica nas suas consequências. Aparece-se, quando muito, nos momentos dolorosos, em que pouco haverá humanamente a fazer e as situações se terão tornado irreversíveis.

Educar exige uma atenção permanente e uma perseverança sem limites. Não se compadece com hiatos e pede sempre a exemplaridade dos res-

ponsáveis. Ai de nós, educadores, se pregamos uma coisa e procedemos precisamente ao contrário!

Pai Américo disse que «certa classe de gente não tem educação, não a dá aos filhos, nem consente que lha dêem». Isto poder-se-á aplicar sem reboço de qualquer espécie a todos os estratos sociais. Todos nós sabemos que assim é, nomeadamente nas classes mais favorecidas no aspecto material. «Estes filhos são amanhã inimigos dos pais, da ordem, das leis, da autoridade, dos homens, de Deus.»

O formar para a liberdade, que é outra maneira de dizer educar, não se faz sem sacrifício e sem luta. «Educar é justamente contrariar, mortificar a vontade do educando. Custa muito, sim; mais custa ao que tem de obrigar, — mas ele há alguma coisa de grande no mundo que se faça sem dor?»

Um pai ou um educador que não acompanha cuidadosa e

Cont. na 3.ª pág.



«Há um segredo divino no meu palmilhar de cada dia, que me não deixa cair no chão: Eu desejo encontrar na Eternidade, sentados à direita do Pai Celeste, todos aqueles garotos que me passam pela mão.» (Pai Américo)

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Para além da manutenção de moradias (e utentes) do Património dos Pobres (as primeiras da sua história), a nossa Conferência, durante o ano, ajuda famílias carecidas de habitação. Solidariedade cristã que serve de estímulo para levarem a cruz até ao fim — de cabeça erguida.

Agora mesmo, assistimos à batalha de mais um agregado que levanta a sua casa em regime de Autoconstrução. Ele é funcionário duma autarquia. Ela, mulher de enxada. Respiram juventude!

Compraram o terreno por um dinheirão...! Abriram caboucos. Arrastaram materiais. Tudo no decorrer de meses. Até que, um dia, junta-se toda a família e os amigos. As paredes subiram da manhã para a noite (banhados de suor, alegria estufante), tão bem ou melhor do que pela mão de profissionais.

Mais uma semana, mais outra, a equipa assenta a primeira laje. Festa! Não há palavras que descrevam estas festas!

Interessante: A maior parte dos irmãos do Autoconstrutor procedeu do mesmo modo na resolução do problema da habitação. Gente que se promove pelo seu trabalho!

No caso vertente, o moço poderia emigrar para o grande Porto, alojar os seus numa gaiola de betão. Não senhor! Tem amor à terra. E, como não poderia deixar de ser, surribrará, entretanto, o pequenino quintal para auto-subsistência. O mato dará lugar a hortaliça e vinha, capoeira de galinhas, corte de porcos. O talho familiar.

Decerto, ficarão agora no T0 (uma assoalhada). Depois, melhorando as condições financeiras (construir casa é uma loucura!), poderá aumentar a moradia para um T1, T2 ou T4, consoante a desocondência. Em regime de Autoconstrução é assim mesmo.

Lemos, algures, que o Instituto Nacional de Habitação promoveu, em Julho, um «concurso destinado a premiar os melhores projectos em termos de habitação evolutiva» (nova terminologia!) e premiou quatro trabalhos «que serão divulgados junto das autarquias para aplicação em zonas carenciadas». Um passo importante!

Voltaremos ao assunto.

**PARTILHA** — Na frente, segue «uma assinante de Paço de Arcos» com «a amizade de sempre», levando escondida «a partilha deste mês» (de Julho) e expressando as habituais «saudações fraternas».

Um cheque sobre o BTA, de três contos, para um caso referido nesta coluna. «É bom distribuir com quem não nos conhece e a quem não vamos ouvir dizer obrigado. Só a recompensa do Senhor e a sensação de ter cumprido um dever nos traz alegria e felicidade. É quanto basta» — diz esta Amiga do sul do Tejo, coração cheio da Boa Nova.

Remessa costumada, do Fundão, ora «por alma de minha Mãe». Não há como o amor de Mãe!

Um restinho da assinante 28752, do Porto. «Manel de Braga», quatro contos para as Viúvas. Da capital, repolhudo cheque de casal amigo, festejando «24 anos de casados» e muita acção junto de famílias em perigo. Deus vos ajude!

Da Maia, duas notas de 500\$00. Uma «em acção de graças por 23 anos de casados», outra «pelas graças que o Senhor lhe tem concedido». O Céu na terra...!

Vilares (Vila Franca das Naves), o costume. Idem, do assinante 9790, de Oliveira do Douro, sugerindo «uma oração no sentido de todos os corações viverem unidos ao Senhor e deste modo reflectirem sempre aquela Alegria que só o Céu pode dar». Mensagem cristã!

Por intermédio do assinante 8004, 500\$00 do assinante 10045 «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». E acrescenta: «Sou um pobre intermediário, mas o pouco não se pode perder». A maior riqueza dos Pobres!

Um anónimo(a), de algures, manda sete contos — motivados pela leitura d'O GAIATO «chegado nessa manhã» — ou seja, «tanto como a que me custou transporte e estadia» em Fátima. A Virgem Maria assopra ali de muitas e variadas formas. Assim nós abramos a alma toda.

Por fim, no «dia de aniversário de meu marido», a assinante 25881, em terras do Sado, testemunha «a Esperança que me anima» e manda três contos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — fulcro da Esperança cristã.

Em nome dos Pobres, o portuguêsíssimo muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

**BATATAS** — Foram seis terras semeadas em vários locais: Olival novo, Olival dos poços, Quinta do viso, Terra do ti Jaime, Terra nova e Terra dos grilos.

As extensões das sementeiras ficaram grandes. Por agora, andamos na colheita.

Todos os que podem com uma enxada de pontas, arrancam as batatas. Outros, menos capazes, seleccionam a apanha. O tractorista, mais um ou dois, de lá para cá e vice-versa, acarretam os caixotes cheios.

Antes do começo desta colheita é preciso preparar o material e, assim, não deixa de haver certos diálogos:

— ... Vai arranjar as enxadas de pontas, para amanhã se ir arrancar a batata...

(...)  
— Já há enxadas para todos?! E estão na água?...

Alguém:  
— O coiso tem uma enxada debaixo da cama, dentro de uma bacia com água...

Todos se riram à gargalhada.  
E o apontado defendeu-se, porque a enxada estava guardada para ninguém a tirar. Mas não estava em nenhuma bacia de água...

**SAIDAS** — Nesta época de Verão costuma haver o fenómeno das fugas na nossa Casa. É sempre assim: vão e por vezes voltam; outras não voltam.

No dia 12 de Julho tivemos o desafio de futebol do torneio inter-Casas com os rapazes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa e estivemos desfalcados, pela falta do guarda-redes e do extremo direito, que tinham fugido na semana anterior. Por conseguinte, foi outro à baliza que não percebia do assunto. E, enquanto o diabo esfrega um olho, meteram-se quatro golos! Faltou-nos também um outro, médio central, que resolveu a sua vida, arranjando trabalho e viver na sua terra.

E sem enumerar e escrever nomes, outros também foram ainda muito novos.

Deus não os abandone!

**PRAIA** — Ainda não chegou a notícia de que a nossa época balnear começou a 28 de Junho. Pois, lá foi um primeiro grupito à frente a limpar, mais a senhora do Lar de Coimbra. Depois — e que já há muito andavam às espreitadelas e faziam os seus comentários de quando iriam para a praia, seguiu a «batatada». Ainda era princípio de Junho e já comentavam:

— Olha pá! O João saiu com a carrinha para levar coisas para a praia.

Bem, lá estão a tomar banhos de mar e de sol, a regalarem-se com a areia e o desprendimento tão necessário.

É como por esse mundo fora: Uns a regalarem-se; outros a esbanjarem; outros ainda, milhares, a precisarem e... nada... mesmo nada!

Que cada qual no seu lugar tenha boas férias e pense nos que nada têm, que não faz mal nenhum...

Desejamos a todos umas férias óptimas.

Guido

## Paço de Sousa

**PRAIA** — Acabou no dia 15 de Julho o primeiro turno de férias, em nossa Casa na Praia de Azurara. Poucos vieram morenos. Segundo consta, o turno foi bem passado, e sem problemas de maior. Todos vieram contentes. No dia 17, seguiu o turno dos mais pequenos, os da casa 4 e os «Batatinhas». Esperamos, também, que tudo corra bem.

**DESPORTO** — No dia 18, a contar para um torneio em Galegos, realizamos um jogo em que, escandalosamente, perdemos por 8-2! Nunca tal tinha acontecido com a equipa A. Depois, no outro dia, ou seja no dia 19, outro jogo se realizou. Aí a vitória sorriu-nos por 4-3.

Já agora aproveitamos para convidar equipas dos escalões mais jovens que nos queiram defrontar.

**16 DE JULHO** — Como fazemos todos os anos, festejamos o dia de Pai Américo que é também o dia da Obra. Como não podia deixar de ser, fomos dar o passeio habitual. O local escolhido foi Arouca. Mas o imprevisto aconteceu: chuva e nevoeiro não deixaram que o dia fosse mais alegre. Mesmo assim reinou muita alegria. As 12 horas celebrámos a Santa Missa na capelinha do monte da Senhora da Mó. Seguiu-se o almoço nas instalações escolares de Arouca. Depois de tudo arrumado, fomos até à barragem de Crestuma e, daí, regressamos a Casa.

**AGRICULTURA** — Começou a apanha da batata. Esperamos que sejam muitas e boas. Como sempre, há alegria em vermos batata nova. Os rapazes que lá andam consolam-se de ver aquelas batatas que tão bem nos sabem nas refeições.

**26 DE JULHO** — O dia 26 de Julho foi um dia especial para todos nós. Vieram reunir-se, cá em Casa, todos os Antigos Gaiatos do Norte. Foi um dia diferente, onde reinou a alegria e boa disposição. Para os nossos leitores ficarem com uma ideia, aqui vai o programa:

10 h — Celebração Eucarística, no largo da adega.

11,30 h — Espaço Musical.

12 h — Sessão solene (à Gaiato), no largo da adega. Nesta sessão tivemos dois Antigos Gaiatos que falaram da sua convivência com Pai Américo. Depois foi um gaiato actual que falou de Pai Américo, sem o ter conhecido. E, por último, o sr. Abel Magalhães falou de Pai Américo e da Obra da Rua.

13 h — Almoço/Convívio com a actual comunidade, com todos a participar. Depois foi o «matar» saudades, visitando a Casa.

Resumindo: Foi um dia cheio, em que todos se ficaram a conhecer melhor.

Serafim de Jesus Correia



Um recanto da Casa do Gaiato de Lisboa (Santo Antão do Tojal — Loures), cuja lareira mantém dezenas de Rapazes que foram «Lixo das ruas».

## Cantinho da Família

É uma nota pequenina da mãe que muito ama os seus filhos e não quer que se percam. Mãe e filhos vêm de mãos dadas. Juntos encontraram o caminho da família. É a mãe que fala. É a educadora que orienta com a sabedoria do coração: «Um pouco atrasada mas não esquecida, aqui vai a minha habitual contribuição. É que estive à espera da «ajuda» do primeiro ordenado dos meus filhos, para que eles

se lembrem, pela vida fona, de repartir com os que têm menos do que eles».

Quantos filhos não têm esta ajuda e se vão perdendo. Mãe feliz que lhes vai ensinando como guardar os bens onde a traça nem a ferrugem os podem corroer: nas mãos dos que têm menos que eles.

Quem pode entender que entenda!

Padre Manuel António

## Do que nós necessitamos

Não podemos ficar em silêncio. Temos necessidade de falar do que vemos e tocamos, todos os dias. Como um filho ou filha que experimenta o carinho mais delicado sente necessidade de comunicar, assim também nós. É a razão de ser desta coluna que, desde o princípio, tem lugar em O GAIATO. Se os números falam, não é menos rica a mensagem neles escondida. Somos testemunhas.

«Como esta época que se aproxima é para mim de muito movimento, quero enviar o meu donativo e gostaria que o colocassem onde houver mais necessidade ou urgência. Também eu desejo ser presa nos laços fortes e admiráveis do Senhor. Viver com Ele e ser forte, na minha fraqueza. Pode rezar comigo uma Ave-Maria pela fé dos meus filhos? Fernanda». E manda 20.000\$00. Não fazemos comentários. O segredo está a descoberto. Comemorando umas bodas de prata muito felizes, 5.000\$00. E mais 10.000\$00, de

V. N. de Gaia, para as telhas dos autoconstrutores. Outro tanto, da Golegã. «Desculpe, porque é pouquinho, mas muitos pouquinhos fazem um grande monte», confessa um coração cheio de amizade para com a Obra da Rua. É dos corações pobres que sai a riqueza de uma comunidade. 15.000\$00, de Alberto Baptista «pedindo desculpa da lamentável distração». Mais delicadeza: 25.000\$00 para os mais pobres. O nosso Calvário está sempre muito presente. De Matosinhos, 6.000\$00. Vêm comunidades inteiras e deixam ficar o sinal da sua presença e levam a inquietação para fazer sempre mais. Esta deixou 55.000\$00. De longe e de perto, 2.000\$00. Grupos de casais pensam nos seus filhos e pensam também nos nossos. Tão prejudicial é o egoísmo individual como o egoísmo familiar. De um casal, 50.000\$. Do dia diocesano da família, 15.150\$00. Do Bom Sucesso, Aveiro, recebemos a visita

habitual, marcada pelo entusiasmo e a alegria do encontro. São postas em dia as assinaturas d'O GAIATO e envelopes que deixam. Mais uma equipa de casais que, das suas renúncias, manda 5.000\$00. Da Inês, 7.000\$00 e uma mensagem tão linda numa só palavra! Obrigado! De Fiães, 4.250\$00. É uma presença mensal. Há que conduzir as crianças e os adolescentes pelos caminhos da generosidade muito concreta. Os educadores têm um papel insubstituível. «Como gesto penitencial destes adolescentes fez-se um ofertório, que seria enviado para a Casa do Gaiato. Aqui vai o cheque com o produto — 3.525\$00». Muitas vezes o sacerdote é a alma destes sinais. É admirável a perseverança das três amigas que vêm todos os meses com 300\$. De Braga, 3.115\$00. De mais longe, 100.000\$00 e «unidos em espírito no Centenário do Pai Américo, auguramos para a Obra da Rua, para todos os que a ela se dedicam de alma e coração e nela recebem ajuda material, as maiores bênçãos do Senhor». Mais 80.000\$00, para dividir pelo Calvário. É um coração agradecido que esconde a grande alegria de repartir. No Lar do Porto, 37.000\$00, 50.000\$00 e 5.000\$.

Temos ido pelas paróquias a anunciar a Boa Nova aos Pobres. Não vamos pedir. Vamos anunciar. Mas os corações não resistem e querem agradecer depositando nas mãos do mensageiro parte das suas economias. De Avintes, cheque de 10.000\$00. E as crianças, quando têm mestres apaixonados, já são capazes de fazer maravilhas. Veio um cheque de 10.000\$00, da Escola Primária de Ruivães, pelas mãos da professora. «Qualquer dia man-

## TRIBUNA DE COIMBRA

■ Ao pegar no último livro que saíu com escritos de Pai Américo «De como eu fui...» e ao recondar a sua voz e seu gesto quando há 36 anos eu lhe falava na ida a uma das nossas praias — «Vai rapaz e leva-lhes uma tábuca de salvação para que não se afundem nos prazeres deste mundo» — senti mais força para ir anunciar o mesmo Senhor Jesus Cristo, que continua a sofrer numa imensa multidão de irmãos.

Nos dias 25 e 26 deste mês, estarei na nova e airosa igreja da Praia de Mira. Dias 1 e 2 de Agosto, será em Monte Real e Carvide. Dias 8 e 9, em S. Pedro de Moel e Praia de Vieira. Dias 14 e 15, no Luso. Dias 22 e 23, na Figueira da Foz. Dias 29 e 30, na Curia.

Todos aqueles que me escutarem não-de sentir as dores de irmãos que encontramos nos caminhos e havemos de ser os bons samaritanos do Evangelho. Havemos de parar, descer, pegar, tratar e levar à estalagem e comprometer-nos. Só assim é que o Senhor nos garante a vida eterna no Reino do Pai.

■ Hás-de ouvir a voz amargurada de várias senhoras de Coimbra por amor a dois pequenitos cuja mãe teve de ser outra vez internada e sujeita a novo tratamento de recuperação. É mãe solteira. A terra longínqua em que nasceu e a cor da pele também ajudam a escravizá-la. Vive com drogados num pequeno quarto.

É necessário libertar os filhos. São eles as grandes vítimas. A mãe é livre. Os homens são livres. É tudo uma grande liberdade. Só os dois meninos não são livres. Têm de aceitar uma família estranha.

Aceitaram esta família com muitos sorrisos, mas podiam aceitá-la com lágrimas. Nós também não somos livres. Somos obrigados a abrir portas que deviam estar fechadas por falta de espaço.

■ Hás-de ouvir a voz de aflição que ontem escutei ao telefone. Era a voz dum pai de sete filhos para aceitarmos dois deles em nossa Casa. A mulher-mãe faleceu. «É uma situação muito aflitiva. Os filhos estão a crescer e a casa é muito pequenina. Já não cabemos todos».

Disse sim ao coração dorido daquele Pai. Quem aceita sete filhos em nossos dias? A viver numa cidade e numa casa pequenina. Quem aceita? Ainda há heróis na nossa sociedade de consumo.

Ficou-me no coração a voz aflitiva deste pai. A voz de todos os pais que não têm casa ou a têm sem condições para os filhos. E são tantos!

E todos sabemos e damos conta de que há muitos que têm casas em excesso e recheadas de inutilidades que não servem para nada e para ninguém. Quem ouve estas vozes? Quem ouve as vozes destes senhores e lhes abre o coração?

Padre Horácio

Retalhos de vida

## «JUIZ»



«Chamo-me Carlos Augusto Correia de Oliveira e o meu apelido é «Juiz».

Nasci no ano de 1973, em Viseu e tenho 14 anos. A minha mãe como não me podia ter, mandou-me para Aveiro. Só depois é que vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, juntamente com mais dois irmãos. Quando for grande, quero ser mecânico.

Carlos Augusto Correia de Oliveira («Juiz»)

do mais», diz um papelinho e um grande abraço da assinante 31764/AA, 15.000\$00, de Angela. Outro tanto, «para partilhar convosco o meu subsídio».

O Espelho da Moda, no Porto, foi e continua a ser a nossa agência. Ali vão depositar as assinaturas d'O GAIATO, donativos, contas da Editorial e muitos pacotes. É o grupo dos T. L. P., da Boavista;

são 50.000\$, da R. da Restauração; mais 20.000\$00; notas de 100\$00, 500\$00 e 1.000\$00. De uma mãe agradecida, 2.000\$00; «que sempre tenha saúde para vos poder mandar mais». Nos 25 anos de casados, 25.000\$00, da Rosinda e do Jorge André.

Quem não encontra sabor na

Cont. na 4.ª pág.

## AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

atentamente aqueles que estão a seu cargo, não ama. Formar para a liberdade pelo encontro ou achar da própria consciência de cada educando, se supõe compreensão e respeito, implica também firmeza. Os filhos ou educandos são pedras preciosas, de valor infinito, em que o desvelo e carinho que merecem supõem também um compromisso total.

É corrente deixarmo-nos levar pelas modas. Muitas vezes, por outro lado, cedemos à «psiquica» de nos chamarem atrasados, contribuindo, pela nossa

apatia ou fraqueza, para gerar libertinos em vez de homens livres. Um educador tem de ter noções claras sobre as suas obrigações e os objectivos em vista, não se deixando demover por esta ou aquela falha, do cumprimento das suas obrigações.

A Natureza, como sempre, é um repositório de lições. Para colher tem de se semear. Depois, se se pretendem boas colheitas, há que votar uma atenção cuidada às culturas. São as regas, as sachas e as amontoas, os tratamentos preventivos e curativos, enfim, os mais variados grangeios. Tudo supõe muito trabalho e as respectivas canseiras. Como assim, na educação das pessoas. Isto tudo, claro está, supondo ainda as tarefas preparatórias que antecedem qualquer semeadura.

Escreveu Pai Américo, relativamente aos nossos Rapazes, que «o dar-lhes de comer é pretexto para educar; educação cívica, educação moral, educação religiosa». E acrescenta: «Há um segredo divino no meu palmilhar de cada dia, que me não deixa cair no chão: — Eu desejo encontrar na Eternidade, sentados à direita do Pai Celeste, todos aqueles garotos que me passaram pela mão».

Que sejam estes os nossos propósitos, de pais e de educadores cristãos. Pela parte que nos toca, desejaríamos pedir perdão a Deus e aos que nos foram confiados, sempre que, por fraqueza ou falta de cuidado, não estivermos à altura daquilo de que são credores, por justiça antes de mais.

## OUTRA BOA NOTÍCIA

Cont. da 1.ª pág.

onde se possa encaminhar para soluções mais válidas e perenes os Pobres que ali ocorrem. E neste ponto poderão os Vicentinos ir mais longe, pela natureza da missão a que se entregam. Porém, enquanto a tal solução definitiva não surge, há um acolhimento e um apoio que liberta da incomodidade desesperante de uma noite à deriva e de todos os perigos concomitantes, sobretudo quando o carente desse apoio é jovem.

A notícia que vimos no «Correio de Coimbra», para além da grande vontade que revela, diz-nos do trabalho de sensibilização alargada para esta ideia que já está em curso, e «tem sido recebido com muito

entusiasmo, principalmente da parte dos jovens Vicentinos». Diz-nos também das diligências feitas quanto a instalações quer «no sentido da cedência de pré-fabricados pertencentes ao velho hospital da Universidade» quer no da «utilização de casas abandonadas que até existem na cidade». «Já há terreno cedido» — o que é uma base muito importante. E também «já há ofertas em dinheiro e a sensibilização neste aspecto vai continuar».

Com estes dados, julgo que podemos juntar a nossa confiança à dos Responsáveis pela Sociedade de S. Vicente de Paulo, em Coimbra, de «que iremos até ao fim».

Que assim seja.

Padre Carlos

Padre Luiz

# INQUIETAÇÃO

Se tu quiseres e puderes, avança. Não tenhas medo. Pede luz Aquele que é a Luz. Depois, põe-te a caminho e não olhes para trás.

Estou a escrever-vos, a propósito da visita de dois grupos de jovens e pais, comprometidos em semear o Bem nas suas paróquias. A frente, vêm os sacerdotes. São os pastores. Se estes falham, que há-de ser do rebanho?

Como sempre acontece, trazem um grande desejo de escutar. É o momento mais rico do passeio, dizem. E é de mais valor, porquê?

— Ninguém nos tinha falado assim.

Neste lugar, neste ambiente, a palavra simples e comum tem um sabor fora do vulgar. Todos se dão conta de que também podem fazer muito Bem. E é verdade. Quando uma comunidade, freguesia ou grupo são tocados pela força do Amor, transformam-se numa verdadeira família. Os que têm partilham com os que não têm. Ninguém fica de fora. Todos se sentem responsáveis. Pai Américo, com o seu testemunho, semeia a inquietação na vida das pessoas: «Que Ele me dê um coração de carne que como Pai Américo saiba chorar com os que choram ou saiba partilhar as alegrias dos demais com verdadeiro espírito

Não posso, como deveria, viver de joelhos e mãos postas, mas desejo ardentemente e é possível trazer o coração e a alma ajoelhados diante de Deus, em Acção de Graças pelo prodígio — não digo milagre — da aquisição da nossa Casa de Férias no Portinho da Arrábida.

A estas acções divinas operadas no íntimo de tanta gente que se desprende e sacrificou por nós, a Palavra Eterna chama «maravilhas».

A História da Obra da Rua está repleta de maravilhas! Mas o maravilhoso traz sempre atrás de si o deslumbramento. É como eu vivo: deslumbrado.

cristão. Quem me dera um grande coração».

Quando os jovens ou adultos se deixam invadir por esta torrente de vida, quem os segura? Fazem a revolução do Amor. Entregam-se sem reservas, porque encontraram a medida da sua vida. «Quem me dera um coração grande».

Que dizer dos mais pequenos? «Para nós foi uma grande alegria. Sentimo-nos mais úteis em favor de uma causa que tanto nos tocou. Nós, que temos o necessário, queremos ser para vós uma ajuda, embora pequenina. Daqui por diante contai connosco, pois nunca mais vamos esquecer os gaitos».

Feliz inquietação!

Padre Manuel António

# SETÚBAL

Quando vos falei do «buraco» e da aventura, não sabia bem o que dizia, não via como agora vejo nem me sentia tão seguro e tão consolado como agora pelo amor divino que se revelou. As cartas, as mensagens, os encontros vivos e pessoais ficarão em dossier aberto, para quantos gosarem deste lugar paradisíaco se aperceberem da realidade sobrenatural subjacente a esta Casa.

Escrevo no dia 20 de Julho, dum quarto do 2.º andar, de vistas deslumbrantes, mas não tenho ainda comigo os setenta mais pequeninos que fazem parte do primeiro grupo. Tem sido dolorosa e difícil a adaptação do rés-do-chão à parte social imprescindível a uma Casa de Família. Os gaitos deram generosa (ia a dizer heroicamente) o seu contributo em trabalho esforçado e penoso. Tudo foram caminhos de Deus. Assim eles partilharam. Espero, daqui a oito dias, ver neste lugar os meus meninos que andam sófregos da sua casa nova na Arrábida, e mandar, com eles cá, uma fotografia pró «Famoso».

As cartas que continuam a chegar, plenas de apoio e co-

munhão, revelam o que convosco partilho.

«Sou a velhinha surda e quase cega, vítima da falta de praia. Tenho uma pequena conta a prazo. Venceu juros agora em Maio. Faltaram uns escudos para arredondar. Do coração lhes ofereço 5.000\$».

«Sou o Luís Fernando, tenho 14 anos, envio o vale de 2.300\$00 e, ao mesmo tempo, agradeço a Deus tudo o que de bom me tem dado. Leio sempre O GAIATO.»

Um cristão amadurecido que não quer ser oco, manda-me um cheque de mil contos e reza por nós. Nós rezamos por ele e por todos. Outro, que já dera 200 contos, vem trazer mais 300 e dizer que ainda deve duas prestações. São compromissos com Deus. O padre que mandou 100, há tempos, agora enviou 200. Eu creio que este sacerdote dá tudo quanto recebe. Como nos faz bem, mesmo de longe, sentir almas assim!...

A Comunidade Portuguesa de Carrières — França, enviou-nos um cheque de 186.152\$00. A caminhada dos jovens convivas da Diocese veio oferecer cem contos. A Comunidade cristã de Pêra — Algarve, em peregrinação à Casa do Gaiato, neste ano Centenário, deixou 31.900\$00. A de Mexilhoeira Grande, 25.000\$00. Uma anónima, cem contos. Cinquenta de assinante 6034, da Carmen, de Beja, do Fundão, de Monchique, da Amadora e do assinante 1113, do Porto, da Isabel, e outro anónimo, de Lisboa. Da Ordem Terceira de S. Francisco, de Setúbal, 56.665\$ e de uma amiga, 55.100\$00. Trinta contos de um dos nossos rapazes. O seu subsídio de férias inteirinho! E a mesma quantia, pelo marido falecido, da Betilde.

Vinte contos, da D. Mafalda, da D. Helena, de Reguengos, do Luís Gonçalves e da Maria da Graça e da Maria João. Dez contos do assinante 18936, da Sipavel, de Geadas & Geadas, de Gavião, da filha do nosso arquitecto, da Etelvina, do Maximiano, segunda prestação. De outro gaito casado, de um anónimo de Coimbra; voto de um velho amigo. 20.225\$00, da Paróquia de Algezu. 20.462\$ das crianças da catequese de Palmela mais o ofertório da Missa, 44.301\$00 e 13.021\$00, de quatro paroquianos da Ajuda.

Os vicentinos deixaram-nos 8.400\$00 mais 9.547\$50. Cinco

contos, da Maria Manuela, da Maria Odete, de Mouriscas do Vouga, promessa de um emigrante, da Isabel, de uma anónima, de Villar Formoso, de Miratejo, de uma professora amiga, dos trabalhadores da Sipavel, do Seixal, de um anónimo, da Custódia, do Porto, da Retorta, de Valongo, da Maria do Carmo, da Maria Eugénia, de Faro, de Almada, de Constância, de Coimbra e das Praias do Sado.

Três contos, da Maria de Lourdes, mais 3.500\$ da Cruz de Pau, mais 3 da Maria Odete e 3.860\$00 da R. F. A; mais 3 do Seixal, mais 3 do Dr. Olímpio, mais 3.500\$00 de um anónimo, mais 3 de um médico. Dois contos de uns amigos, da Maria José, do Artur, da Maria Helena, do Mário Alberto, do Seixal, do Parreira, a pedir uma oração por alma da mãe, de um anónimo. Mil escudos, de F. Martins, António Rodrigues, de um gaito antigo, de S. Pedro do Sul, Anónimo, de Cacém, Fernando Martins, de Cacém, D. Mariana, de Cascais e da Celeste. Naturalmente que temos poupado quanto podemos sem prejudicar os rapazes nas suas necessidades. Todas as economias se juntaram num monte único. Faltam-nos somente uns quatro mil contos. Com os peditórios do Verão e com a ajuda daqueles que ainda não participaram vamos brevemente esquecer o grande buraco que desaparecerá.

Padre Acílio

## Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

dádiva de duas notas de mil com esta legenda: «É com muita humildade que envio esta pequena oferta na Paz do Senhor, pois Ele tudo nos dá. E mais esta: «É para os mais pequeninos e os mais doentes». Professora reformada vem com 5.000\$00. Não faltam as palavras de estímulo. É sinal de que a Obra é vivida: «Aprecio imenso o vosso trabalho. Neste ano Centenário do Pai Américo, a sua Obra é mais uma vez revivida por todos». Acompanham a carta dez notas de mil.

Padre Manuel António

Novo livro de Pai Américo

# DE COMO EU FUI...

## Crónicas de viagem

Cont. da 1.ª pág.

falava ali no acontecimento. Topei muita gente, cada um no seu lugar. Ou fosse recado mais explícito ou melhor compreendido, o que é certo é que trouxe onze contos e quê, em vez dos dez no ano anterior. A dona do hotel disse que não era nada. Outras despesas que por lá fiz, foi na mesma. Dizem que o imperador do Japão é dono de tudo no seu país; eu não sou dono de nada, mas tenho tudo no meu país. Quem será mais rico?!

Trouxe o Jerónimo, um futuro gaito. O professor Hernâni Cidade, ali em férias, disse-me de como tinha escutado à mãe a história do filho e do interesse que por ele alimentava. Condoeu-se. Ele há cristãos que o são sem dar por ela!

Quanto à Póvoa de Varzim, não há palavras! Na igreja, subiu a nove contos; e à tarde, na cabina da esplanada, foram sete redondos. O cortejo das oferendas, após a charla, durou quinze minutos. Os oferentes vinham pelo seu pé, tocados pela Graça, movidos pela convicção.

Que lindas festas de cari-

dade, estas que a Obra da Rua tem feito!

Os hóspedes do Grande Hotel de S. Vicente também escutaram o recado com muita devoção.

(...) Daqueles hotéis dirigi-me à mata do Buçaco. Celebrei na igreja do antigo convento onde preguei Jesus Crucificado, que é precisamente o ponto mais eloquente da Sua vida mortal.

Convidaram-me para almoçar e eu disse logo que sim. Nos salões do hotel havia pequeninos grupos a ferver do que tinham escutado.

— Mas que palavra é a sua, padre?

Uma senhora ainda nova, de turbante verde, cresce à frente e explica:

— Es la Caridad.

Eu também cresci um nadinha à frente a significar desgosto por ver que só aquela estrangeira me tinha compreendido.

Sim; es la Caridad!

Não era eu; é a Caridade. O enigma não está no pregador; está mas é dentro dos ouvintes, de cada um dos ouvintes. É dentro de si que cada um há-de ver, compreender e saborear a Caridade, que ou-

tra coisa não é senão o amor de Deus para connosco!

Nós somos sinais luminosos; o facho da Caridade incendeia-nos. Eu vi labaredas naquela hora! Ora aqui está. Podemos falar tão alto da verdadeira Caridade, que me não atrevo a dizer nada das suas caricaturas, da caridade dos salões — raios de papel!

Senhor dos Céus!, eu hei-de morrer. Fica este jornal O GAIATO nas mãos de infinitos colecionadores como protesto vivo e doloroso contra um mundo gozador, feito de inimigos da Cruz!»

Não há mãos a medir no sector de expedição! A preferência vai para a novidade, mas também despachamos muitas outras obras de Pai Américo (e não só) para todos os pontos do País e estrangeiro, já que os portugueses, por natureza, são cidadãos do Mundo.

Em suma: Está fora de portas mais de metade da edição do livro DE COMO EU FUI... — CRÓNICAS DE VIAGEM. Bendito seja Deus!

Júlio Mendes



Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Julho: 67.027 exemplares.